

Do entusiasmo à recusa: entrelaçamentos afetivos com a IA generativa na pesquisa acadêmica

*From excitement to refusal: affective entanglements
with generative AI in academic research*

*Del entusiasmo al rechazo: vínculos afectivos con la IA
generativa en la investigación académica*

Francesca Peruzzo

The Open University, Reino Unido
<https://orcid.org/0000-0002-0161-961X>
f.peruzzo@bham.ac.uk

Marina Avelar

Federal University of Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-3870-4364>
marinadeavelar@gmail.com

Resumo

Este artigo examina como pesquisadores acadêmicos interagem com a Inteligência Artificial Generativa (GenAI) a partir de condições afetivas, institucionais e geopolíticas específicas. Com base em um diálogo autoetnográfico entre duas pesquisadoras sediadas no Reino Unido e no Brasil, traçamos uma trajetória afetiva que vai do entusiasmo tecno-solucionista, passando pela desilusão, até chegar a práticas de recusa. Argumentamos que essa trajetória reflete as condições do trabalho acadêmico e a matriz colonial de poder que molda a GenAI. Para analisar essas dinâmicas, combinamos três perspectivas teóricas. Primeiramente, utilizamos a noção de afeto para examinar como intensidades emocionais revelam os sistemas nos quais a IA é vivenciada. Em segundo lugar, a teoria decolonial demonstra como a GenAI reproduz hierarquias epistêmicas ao privilegiar dados do Norte Global, línguas dominantes e estruturas eurocêntricas, gerando efeitos desiguais em diferentes contextos. Em terceiro lugar, o pensamento sobre agenciamentos neo-materiais e o conceito de otimismo cruel explicam como a IA funciona como um objeto de promessa que, simultaneamente, reproduz as pressões performativas que parece aliviar. Nossa análise baseia-se em seis vinhetas da prática cotidiana de pesquisa para ilustrar essas dinâmicas. Concluímos propondo cinco ferramentas conceituais para pesquisadores — afeto, pensamento sobre agenciamentos, otimismo cruel, colonialidade e recusa —, as quais ressignificam a implementação de políticas de IA como um processo afetivo, situado e permeado por relações de poder.

Palavras-chave: GenAI; afeto; educação superior; colonialidade; recusa.

Abstract

This paper examines how academic researchers engage with Generative Artificial Intelligence (GenAI) from within specific affective, institutional and geopolitical conditions. Drawing on an autoethnographic dialogue between two scholars based in the United Kingdom and Brazil, we trace an affective trajectory from techno-solutionist excitement, through disillusionment, to practices of refusal. We argue that this trajectory reflects the conditions of academic labour and the colonial matrix of power shaping GenAI. To analyse these dynamics, we combine three theoretical perspectives. First, affect is used to examine how emotional intensities reveal the systems within which AI is encountered. Second, decolonial theory shows how GenAI reproduces epistemic hierarchies by privileging Global North data, dominant languages and Eurocentric frameworks, with uneven effects across contexts. Third, neo-material assemblage thinking and the concept of cruel optimism explain how AI functions as an object of promise that simultaneously reproduces the performative pressures it appears to alleviate. Our analysis draws on six vignettes from everyday research practice to illustrate these dynamics. We conclude by proposing five conceptual tools for researchers, affect, assemblage thinking, cruel optimism, coloniality and refusal, which reframe AI policy enactment as an affective, situated and power-laden process.

Keywords: GenAI; affect; higher education; coloniality; refusal.

Resumen

Este artículo examina cómo los investigadores académicos interactúan con la Inteligencia Artificial Generativa (IAGen) en el marco de condiciones afectivas, institucionales y geopolíticas específicas. A partir de un diálogo autoetnográfico entre dos académicas radicadas en el Reino Unido y Brasil, trazamos una trayectoria afectiva que va desde el entusiasmo tecnosolucionista, pasando por la desilusión, hasta llegar a prácticas de rechazo. Sostenemos que esta trayectoria refleja las condiciones del trabajo académico y la matriz colonial de poder que configura la IAGen. Para analizar estas dinámicas, combinamos tres perspectivas teóricas. En primer lugar, utilizamos la noción de afecto para examinar cómo las intensidades emocionales revelan los sistemas en los que se experimenta la IA. En segundo lugar, la teoría decolonial muestra cómo la IAGen reproduce jerarquías epistémicas al privilegiar datos del Norte Global, lenguas dominantes y marcos eurocéntricos, generando efectos desiguales según el contexto. En tercer lugar, el pensamiento sobre ensamblajes neomateriales y el concepto de optimismo cruel explican cómo la IA funciona como un objeto de promesa que, simultáneamente, reproduce las presiones performativas que parece aliviar. Nuestro análisis se basa en seis viñetas extraídas de la práctica investigadora cotidiana para ilustrar estas dinámicas. Concluimos proponiendo cinco herramientas conceptuales para los investigadores — afecto, pensamiento de ensamblaje, optimismo cruel, colonialidad y rechazo — que permiten replantear la implementación de políticas de IA como un proceso afectivo, situado y atravesado por relaciones de poder.

Palabras-clave: AIGen; afecto; educación superior; colonialidad; rechazo.

1 Introdução

Em sistemas de ensino superior em todo o mundo, as condições sob as quais o conhecimento acadêmico está sendo produzido tornaram-se de cada vez mais pressão. Internacionalmente, o trabalho acadêmico é descrito por regimes que intensificam a performatividade, com produtividade em pesquisa, captação competitiva de recursos e produção de projetos de alto impacto operando como métricas-chave de sobrevivência acadêmica e profissional (Ball, 2003; Shore; Wright, 2015). Escrevemos como estudiosas trabalhando dentro de temporalidades aceleradas, sistemas administrativos densos e ciclos implacáveis de avaliação, em que o trabalho acadêmico é cada vez mais definido pela exaustão, fragmentação e a necessidade de otimizar as habilidades cognitivas e o tempo para permanecer sujeitos ontologicamente válidos dentro desse sistema.

Estudiosos que trabalham em contextos do Sul Global também podem encontrar desigualdades estruturais de longa data, que podem incluir, por exemplo, subfinanciamento crônico, instabilidade institucional e acesso desigual às possibilidades de pesquisa em termos de financiamento e apoio administrativo. Essas problemáticas materiais são muitas vezes acompanhadas por formas persistentes de violência epistêmica e invalidação ontológica (Castro-Gomes; Martín, 2002), em que o conhecimento produzido localmente é desvalorizado dentro de hierarquias acadêmicas globais dominadas pelo Norte Global e, especialmente, por circuitos de publicação, normas epistemológicas e quadros teóricos anglófonos e eurocêntricos. Como Quijano (2000) afirmou, essas hierarquias não são incidentais, mas estão enraizadas nas estruturas duradouras da colonialidade, parte de uma matriz que continua a organizar poder, conhecimento e legitimidade em escala global. Com base nisso, Grosfoguel (2016, p. 123) destaca como a autoridade epistêmica permanece concentrada nas instituições eurocêtricas, gerando um “extrativismo epistêmico” e produzindo uma ordem global estratificada de conhecimento em que certas vozes, saberes, modos de investigação e de ser são sistematicamente privilegiados em detrimento de outros. Em tais contextos, as pressões de produtividade são sobrecarregadas por lutas contínuas por reconhecimento epistêmico e legitimidade.

É dentro desses cenários desiguais e politicamente carregados de produção de conhecimento que a inteligência artificial generativa (GenAI) disseminou-se rapidamente nas práticas de pesquisa acadêmica. Desde o lançamento público de grandes modelos de linguagem, como o ChatGPT, as ferramentas de IA tornaram-se cada vez mais incorporadas ao trabalho acadêmico como suporte à elaboração, síntese, análise e organização de processos de pesquisa. No entanto, apesar desse uso vertiginoso da GenAI, as respostas institucionais

do ensino superior têm sido fragmentadas e muitas vezes contraditórias, oscilando entre proibição, regulamentação e, às vezes, adoção entusiástica (Williamson; Macgilchrist; Potter, 2023; Selwyn, 2024). Grande parte do debate emergente enquadrrou a IA como uma ameaça à integridade acadêmica ou uma ferramenta para aumentar a produtividade, obscurecendo as condições sob as quais essas tecnologias são encontradas e adotadas na prática.

Neste artigo, argumentamos que a GenAI não pode ser entendida fora dos contextos afetivos e institucionais que moldam o trabalho acadêmico contemporâneo, pois os pesquisadores não se envolvem com a IA a partir de posições neutras, mas encontram essas tecnologias em meio às pressões, incertezas e assimetrias que definem seu trabalho cotidiano. Para explorar essas tensões, mobilizamos o afeto como analítico, valendo-nos do trabalho de Sara Ahmed (2004) e Margaret Wetherell (2013), ao lado de abordagens neo-materiais para a pesquisa em educação digital (Grimaldi; Ball, 2021; Perrotta; Selwyn; Ewin, 2024; Stark, 2019). Aqui, o afeto é entendido como um conjunto de intensidades relacionais que circulam pelos ambientes acadêmicos, orientando os sujeitos para ações particulares, apegos e recusas.

Para conceituar como esses engajamentos afetivos se desdobram, recorreremos à noção de “otimismo cruel” de Berlant (2011), que descreve apegos a objetos que prometem melhorar as condições de existência de alguém, reproduzindo simultaneamente as próprias estruturas que as restringem (ver também MacGilchrist, 2019). No ensino superior a GenAI pode ser entendido como tal objeto, parecendo aliviar as pressões do trabalho acadêmico ao mesmo tempo em que reforça os sistemas que as geram.

Através de nossas experiências como acadêmicas que trabalham no Reino Unido e no Brasil, traçamos uma trajetória afetiva pela qual os engajamentos com a IA se desdobram, passando da animação tecno-solucionista para a desilusão e, em alguns casos, a recusa. No Reino Unido, os encontros iniciais de Francesca com a IA eram frequentemente acompanhados por uma sensação de alívio e maior possibilidade. A IA apareceu inicialmente como um meio de lidar com as demandas da produtividade acadêmica antes de envolver-se com preocupações em torno da autoria, confiabilidade epistêmica e trabalho acadêmico. No contexto brasileiro, Marina enfrentou uma trajetória um tanto semelhante, encontrando a IA como uma ferramenta potencialmente útil, embora entrelaçada a preocupações em torno da dependência epistêmica, da marginalização ontológica e do reforço das desigualdades globais na produção de conhecimento. Aqui, a desilusão está ligada tanto às limitações da própria máquina quanto ao seu posicionamento dentro de matrizes acadêmicas globais que privilegiam dados, linguagens e epistemologias do Norte.

No entanto, ambas constatamos que esses processos de desilusão podem ensejar práticas de recusa. Mobilizamos a recusa tomando emprestado o entendimento de Foucault sobre ela, não como uma simples rejeição da tecnologia, mas como uma prática crítica, uma “arte de não ser governado” de certas maneiras, emergindo como uma resposta afetivamente carregada às condições sob as quais a IA está sendo normalizada dentro do trabalho acadêmico. A recusa pode assumir múltiplas formas, desde o desengajamento seletivo até a crítica explícita.

Nossa análise é desenvolvida por meio de seis vinhetas fundamentadas em nossas práticas cotidianas de pesquisa acadêmica, que não visam fornecer um relato representativo do uso da IA na academia. Em vez disso, eles oferecem insights situados sobre como os engajamentos afetivos com a IA emergem dentro de contextos institucionais e geopolíticos específicos. Centralizamos afeto e localização geopolítica, na esperança de contribuir para os debates sobre IA no ensino superior de duas maneiras; primeiro, reformulando a promulgação de políticas de IA como um processo afetivo e situado que se desdobra através de práticas acadêmicas cotidianas e não apenas através de estruturas institucionais formais; e segundo, destacando as condições desiguais sob as quais a IA torna-se pensável, desejável ou resistível em diferentes contextos de produção de conhecimento. Ao fazer isso, o artigo pretende oferecer um relato relacional de como a IA está profundamente emaranhada com as estruturas duradouras da colonialidade, performatividade e desigualdade epistêmica que moldam a vida contemporânea de pesquisa (e da academia).

2 Referencial teórico

Aqui tecemos teoria dos afetos, perspectivas decoloniais sobre a produção de conhecimento e abordagens neo-materialistas da educação digital para analisar como a GenAI é encontrada e negociada dentro do trabalho acadêmico contemporâneo. Vemos GenAI como parte de um conjunto mais amplo de pressões institucionais, hierarquias epistêmicas e práticas acadêmicas cotidianas e, ao fazê-lo, rejeitamos a tendência atual de abordagens avaliativas que concebem a IA como um objeto tecnológico discreto ou como uma ferramenta neutra cujos efeitos podem ser avaliados independentemente do contexto. Foucault (1978) disse uma vez que a verdade nunca é separada do contexto de sua produção e, embora a produção de IA possa aparecer como uma caixa preta de algoritmos, os encontros com IA são moldados por nossas posicionalidades, locais, histórias e envolvimento dentro de relações mais amplas de poder. No que se segue, desenvolvemos três movimentos analíticos interligados; primeiro, mobilizamos o afeto como nossa analítica

primária; segundo, situamos essa análise dentro da dinâmica global desigual da produção de conhecimento; e terceiro, nos baseamos em estruturas neo-materialistas e Deleuzianas, incluindo o conceito de otimismo cruel de Berlant (2011), para teorizar a trajetória específica pela qual os pesquisadores se envolvem e, em última análise, recusam a IA.

2.1 Afeto como analítico

Mobilizamos o afeto como analítico para explorar como as relações entre sujeitos, tecnologias, conhecimentos, instituições, dinheiro e expertise local são organizadas e moduladas. Segundo Ahmed (2004, p. 119), os afetos aqui podem ser entendidos como orientações: eles “fazem as coisas”, moldam como as conexões são formadas e “alinham os indivíduos com as comunidades — ou o espaço corporal com o espaço social — através da própria intensidade de seus apegos”. Afeto aqui é “uma intensidade correspondente à passagem de um estado do corpo para outro”, e implica “um aumento ou diminuição da capacidade de ação do corpo” (Deleuze; Guattari, 2020). Wetherell (2013) alinha-se a Deleuze e Guattari ao conceituar o afeto como emergente por meio de práticas, como padronizado e socialmente organizado, em vez de puramente interno ou psicológico.

Ao enquadrar o afeto dessa maneira, problematizamos como nós, como pesquisadoras, nos envolvemos com a GenAI, como ela modula intensidades como alívio, ansiedade, desconforto, desilusão, recusa; eles próprios moldados pelas condições do trabalho acadêmico e de pesquisa. Dessa forma, usamos o afeto tanto como diagnóstico quanto como analítico para examinar a “periculosidade da IA” indo além de posições dicotômicas de “bem” e “mal” (Foucault, 1984a). Mais importante ainda, o afeto torna visíveis as dimensões morais e epistêmicas do uso da IA, nas quais sentimentos e práticas como vergonha, desconforto ou recusa incorporam as tensões em torno da autoria, legitimidade e os limites da prática acadêmica. Aqui afeto fornece uma maneira de traçar como as práticas acadêmicas estão sendo reconfiguradas através de encontros com tecnologias emergentes.

2.2 Dinâmicas globais de colonialidade e hierarquia epistêmica

Também reconhecemos que as emoções e experiências materializadas pela IA não são vividas e distribuídas uniformemente. Em vez disso, são moldados por uma matriz colonial de poder que “permeia as dimensões mais importantes do poder global, incluindo sua racionalidade específica: o eurocentrismo” (Quijano, 2000, p. 533). Essa matriz de poder

alinha hierarquias globais de conhecimento e trabalho e cristaliza como a autoridade persiste, organizando quais formas de conhecimento são reconhecidas como válidas e quais são marginalizadas ou descartadas. Grosfoguel (2012) estende essa análise demonstrando como a autoridade epistêmica permanece concentrada dentro das instituições do Norte Global, produzindo uma ordem global na qual o conhecimento é estratificado ao longo de linhas racializadas, linguísticas e geopolíticas.

Em um presente em que as universidades crescem cada vez mais como “grandes sistemas de controle autoritário, padronização, gradação, contabilidade, classificação, créditos e penalidades” (Mbembe, 2016, p. 30), os padrões estabelecidos e o conhecimento criado nas instituições do Norte Global os torna aparelhos privilegiados que naturalizam o eurocentrismo colonizando o conhecimento, de modo que a colonialidade e suas hierarquias de poder possam ser implacavelmente regeneradas (Restrepo, 2018). Os desequilíbrios criados pela difusão generalizada de GenAI estão entrando em uma situação em que problemas e soluções passam a ser enquadrados dentro das universidades em países que antes eram “centros de impérios ultramarinos e [são] agora o ‘núcleo’ da economia global” (Connell, 2011, p. 1371; ver também Castro-G Psormez, 2007).

Dentro desse quadro, a GenAI não pode ser entendida como uma tecnologia neutra ou universalmente acessível. Ela está incorporada em infraestruturas desproporcionalmente treinadas em dados do Norte, operando, no geral, em idiomas dominantes e refletindo hierarquias epistêmicas existentes. Como tal, GenAI participa do que pode ser entendido como uma forma de reprodução epistêmica e apagamento ontológico, em que as desigualdades existentes na produção do conhecimento não só são mantidas como potencialmente intensificadas.

Essas dinâmicas moldam como a GenAI é vivenciada em todos os contextos. Embora possa aparecer como uma ferramenta de produtividade dentro de instituições com muitos recursos, em outros contextos ela se enreda com questões de dependência epistêmica, marginalização e violência ontológica. Os agenciamentos afetivos examinados neste artigo, portanto, emergem dentro de e são moldados por condições globais desiguais de produção de conhecimento.

2.3 Agenciamentos, desterritorialização e otimismo cruel

Para conceituar como essas dinâmicas afetivas e geopolíticas se desdobram por meio de encontros com a IA, recorreremos a abordagens neo-materialistas que entendem as tecnologias como parte de agenciamentos relacionais e não como ferramentas externas.

Agenciamentos são disposições de coisas, constituídas de linhas que conectam e interagem produtivamente componentes heterogêneos, incluindo orientações políticas, arranjos institucionais, conhecimentos formais e informais, subjetividades, pedagogias e afetos (Youdell, 2015). Thompson e Cook (2015, p. 732) os descrevem como “espaços topológicos”, “superfícies que são espaços em si mesmas e ... sua auto-organização traz o ser e o saber, a ontologia e a epistemologia, para novos tipos de relações” (Lury *et al.*, 2012 *apud* Thompson e Cook, 2015, 732). Seguindo Grimaldi e Ball (2021, p. 394), reconhecemos como a GenAI faz parte de múltiplos agenciamentos modulados por uma lógica neoliberal que mobiliza métodos e práticas de governo e “interage com conjuntos situados de elementos e circunstâncias” (Ong, 2007, p. 5). Nessa perspectiva, a GenAI não é simplesmente utilizada por pesquisadores, ela coproduz formas de conhecimento, reorganiza práticas de escrita e reconfigura o que se legitima como trabalho acadêmico. Enreda-se com demandas institucionais, infraestruturas de plataformas e estratégias individuais de enfrentamento e sobrevivência. Isso é particularmente relevante em contextos da academia performativa, nos quais a pressão para produzir resultados se cruza com os recursos dos sistemas de IA que aceleram e padronizam a escrita.

Dentro desse enquadramento de agenciamento deleuziano, o encontro com a GenAI também pode ser entendido como um processo de desterritorialização, por meio do qual práticas acadêmicas estabelecidas, como escrita, autoria e produção de conhecimento, são parcialmente deslocadas de seus limites convencionais. GenAI desestabiliza as relações sedimentadas entre pensar, escrever e produzir conhecimento ao redistribuir o trabalho cognitivo e linguístico entre agenciamentos humanos e de máquinas. No entanto, essa desterritorialização não é total nem inerentemente libertadora, mas sempre ligada a processos de reterritorialização, pois essas possibilidades recém-abertas são rapidamente reabsorvidas pelas lógicas institucionais existentes, incluindo a performatividade, a padronização e a reprodução das normas epistêmicas dominantes. A GenAI simultaneamente interrompe e reforça a organização territorial do conhecimento acadêmico, gerando novas capacidades ao mesmo tempo em que reinscreve as restrições existentes. A reterritorialização não é, portanto, um retorno a um estado anterior, mas uma reorganização das “relações diferenciais internas à própria desterritorialização” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 592).

Para teorizar a trajetória afetiva específica pela qual os pesquisadores se envolvem com GenAI, e para dar a essa dinâmica desterritorializadora sua dimensão vivida e temporal, baseamo-nos no conceito de otimismo cruel de Lauren Berlant (2011). Para Berlant, os indivíduos muitas vezes se apegam a objetos ou sistemas que prometem melhorar suas

condições de vida, ao mesmo tempo em que sustentam as estruturas que os restringem. Berlant descreve o “otimismo cruel” como um momento em que algo que desejamos é, na verdade, um obstáculo à nossa capacidade de alcançá-lo (Berlant, 2011, p. 1; ver também Macgilchrist, 2019).

No contexto do ensino superior, GenAI pode ser entendida como tal objeto. Promete o alívio das pressões do trabalho acadêmico por meio da eficiência, rapidez e assistência, ao mesmo tempo em que reforça as lógicas performativas que geram essas pressões. Como as vinhetas ilustram a seguir, nossa atração pela GenAI emerge de condições reais de tensão e excesso de trabalho. Essa é a promessa do tecno-solucionismo: a crença utópica de que as tecnologias podem resolver problemas que, de outra forma, deveriam ser enfrentados por meio de políticas públicas, sociais e educacionais mais abrangentes.

No entanto, à medida que nos envolvemos mais profundamente com a GenAI, esse apego se desestabiliza. O potencial de ser afetado, ou o ato de ser afetado como parte de um agenciamento performativo, remodula-se por meio da desilusão. A desilusão surge através de encontros com as limitações da escrita gerada pela IA, o achatamento da voz e a reprodução de preconceitos embutidos em sistemas algorítmicos. Esse acerto de contas com a ordem tecno-solucionista da vida acadêmica na era da IA pode, por sua vez, ensejar formas de recusa.

A recusa aqui é concebida como uma prática crítica de “não ser governado” (Foucault, 1982, p. 785) de certas maneiras, uma recusa do que a IA faz de nós como acadêmicos dentro do atual sistema performativo. Não implica necessariamente um desligamento completo da tecnologia: pode, de fato, envolver uso seletivo, evasão estratégica ou crítica explícita das condições sob as quais a IA está sendo normalizada. Nesse sentido, a recusa não é externa ao sistema, mas emerge de dentro dele, como uma linha de fuga, uma instância alternativa no processo desterritorializador (Deleuze; Guattari, 2020), uma resposta criativa, provocativa, exaustiva às tensões e contradições que moldam o trabalho acadêmico. Na seção seguinte, explicamos o processo analítico que sustentou o pensamento, a escrita e a análise deste artigo.

2.4 Métodos: diálogo autoetnográfico

Este artigo está fundamentado no que descrevemos como diálogo autoetnográfico, ou autoetnografia dual, uma abordagem metodológica que se baseia em nossas experiências situadas como pesquisadores acadêmicos engajados com GenAI em dois contextos institucionais e geopolíticos distintos. Abordamos nossas experiências como locais

analiticamente generativos nos quais estruturas mais amplas de performatividade, colonialidade e poder epistêmico se tornam legíveis através das tessituras afetivas da prática acadêmica cotidiana.

A autoetnografia parte da premissa de que a experiência pessoal é constitutiva da produção do conhecimento (Ellis; Adams; Bochner, 2011), tratando os encontros corporificados e situados como dados, mantendo o rigor analítico por meio do engajamento teórico. Neste artigo, estendemos essa lógica dialogicamente. Ao colocar nossos dois relatos em conversa, podemos traçar tanto a trajetória afetiva compartilhada de animação, desilusão e recusa, quanto as maneiras pelas quais essa trajetória é flexionada de maneira diferente por nossas respectivas posições dentro das hierarquias acadêmicas globais. O diálogo entre nossas experiências torna visíveis assimetrias e ressonâncias que um relato singularmente situado não poderia.

Nossas posicionalidades são centrais para a análise. Francesca escreve a partir de uma universidade de pesquisa intensiva do Reino Unido, navegando as demandas aceleradas de um sistema altamente performático no qual métricas de produtividade (publicações, captação de subsídios, impacto) operam como condições de sobrevivência profissional. Marina escreve do Brasil, trabalhando dentro de um contexto universitário público também marcado por métricas de produtividade, além de subfinanciamento crônico, infraestrutura precária e a pressão persistente para competir dentro de padrões globalmente referenciados não projetados com contextos do Sul em mente. Estes não são simplesmente detalhes biográficos, mas as próprias condições de possibilidade para os engajamentos afetivos que este artigo traça. Eles moldam quais promessas da GenAI parecem convincentes, quais limitações produzem desconforto e quais formas de recusa se tornam pensáveis e necessárias.

Ao mesmo tempo, somos mulheres trabalhando em campos moldados por desigualdades estruturais de gênero, classe, capacidade e geografia. Essas posicionalidades que se cruzam aprofundam as apostas de nosso engajamento com sistemas de IA que reproduzem, muitas vezes de forma invisível, os padrões dominantes dos corpora nos quais foram treinados. Nosso compromisso metodológico de situar nossas experiências dentro dessas estruturas é, portanto, também ético, pois tentamos resistir à individualização do que são condições fundamentalmente sistêmicas e tornar visível como as maneiras pelas quais a IA molda as emoções que nos afetam é sempre uma questão de onde você veio, e quem e o que você é.

A análise é desenvolvida por meio de uma série de vinhetas extraídas de nossas práticas de pesquisa, que apresentamos e discutimos na seção a seguir.

3 Da promessa ao ceticismo e à recusa

A GenAI reorganizou nosso trabalho. Nossas relações e envolvimento afetivos com a GenAI foram mudando desde o início de nosso contato com ela; no início, comprando o *hype* e esperando soluções para questões sociais profundamente estruturais; seguido por uma desilusão gradual levando à recusa. Essa trajetória afetiva interage com contextos sociais, como exploramos nas seções a seguir. É, argumentamos, uma trajetória que não é acidental nem meramente pessoal, mas modelada pelas condições de trabalho acadêmico e pela matriz colonial de poder dentro da qual circula a GenAI.

As vinhetas abaixo são relatos situados e vividos de nossos encontros com a GenAI. Descrevem momentos específicos, fragmentos, práticas e experiências que transitam da animação, para a desilusão e depois para a recusa. Mobilizamos o pensamento afetivo, decolonial e aglutinador e o otimismo cruel para lhes dar sentido.

3.1 Animação esperançosa: IA como promessa e alívio

O ChatGPT foi lançado no final de 2022 e o *hype* instalou-se imediatamente. A narrativa era que as pessoas agora tinham uma ferramenta que poderia resolver todos os problemas, abordando desde tarefas mundanas até análises complexas, capazes de afetar setores inteiros. As promessas variaram, atingindo todos os campos, da engenharia à saúde e educação. Não demorou muito para que o hype chegasse à pesquisa acadêmica, com esperanças de mudar a forma como os pesquisadores escrevem, editam, revisam literatura, analisam dados e assim por diante.

O ChatGPT é um exemplo que surge de um contexto de tecno-solucionismo amplamente disseminado. As promessas moduladas por GenAI não surgem no vácuo, elas encontram-nos como pesquisadores que já navegam por pressões institucionais, em contextos sociais marcados por práticas produtivistas neoliberais nas universidades, com ambientes competitivos e desigualdades interseccionais.

Vinheta 1

No começo, brinquei um pouco com ele, usando-o como uma ferramenta que poderia me dar dicas de como proceder em um artigo, sistematizar meu inglês escrito como um falante não nativo e cortar palavras de resumos e seções curtas de escrita. Consciente dos problemas ambientais ligados ao seu uso, procurei minimizar a necessidade dele. Mas foi difícil. Eu estava trabalhando em vários projetos ao mesmo tempo e lutando para encontrar tempo suficiente para escrever, ensinar, solicitar financiamento e concluir tarefas administrativas. A interação produziu uma pequena, mas perceptível, mudança de intensidade e a escrita pareceu mais leve, mais fluida. Minha escrita parecia tão limpa, tão clara, era como se meu cérebro fosse aumentado pela máquina. Eu vinha usando IA em muitos dos meus trabalhos anteriores, para corrigir meu inglês, por exemplo, mas a GenAI era como uma potência.

O que a vinheta torna visível é como o encontro com a GenAI é um encontro dentro de um agenciamento que conecta trabalho cognitivo, demanda institucional, infraestrutura de plataforma, hierarquias de linguagem e as condições materiais de um contrato acadêmico precário. A sensação de alívio não é gerada pela tecnologia isoladamente, mas emerge de dentro dessa configuração mais ampla, da interseção de um corpo exausto, um sistema performativo e uma máquina que promete preencher a lacuna entre os dois. Afeto aqui faz coisas (Ahmed, 2004), direcionando-nos para objetos que parecem oferecer facilidade e pertencimento, alinhando a exaustão individual com uma promessa que é produzida estruturalmente e circula coletivamente.

É aí que a noção de otimismo cruel de Berlant (2011) começa a se firmar. Nossa atração inicial pela GenAI não era ingênua, mas emergiu de condições reais de tensão, um apego que parecia racional justamente porque as pressões que prometia aliviar são reais. A máquina apareceu como um objeto de promessa, algo que poderia melhorar nossas condições de existência dentro de sistemas acadêmicos performativos, ou subfinanciados. Que essa promessa também era, estruturalmente, uma reprodução desses mesmos sistemas só se tornou visível mais tarde.

A atração da GenAI não se limitou a apenas um de nossos contextos geopolíticos e, em ambas as nossas experiências, apareceu como uma solução potencial para as pressões acadêmicas cotidianas, embora essas pressões surgissem de diferentes condições materiais e institucionais. A vinheta abaixo ilustra como essa promessa desenrolou-se dentro de um contexto marcado por recursos limitados e acesso desigual ao apoio à pesquisa. Encontramos a GenAI a partir de experiências marcadas por gênero, racializadas, classificadas e geopoliticamente desiguais, e essas experiências moldam como as promessas tecnológicas são recebidas e quais formas de alívio parecem desejáveis ou necessárias.

Vinheta 2

Muitas vezes sinto a pressão de produzir tanto quanto colegas em universidades do Norte Global, enquanto trabalho com recursos institucionais e apoio mais limitados. Quando consegui financiamento para um projeto de pesquisa que não incluía recursos para assistentes de pesquisa, pensei que as ferramentas de IA poderiam me dar o apoio necessário para executar um grande projeto. Eu esperava que as ferramentas de IA pudessem operar como meus assistentes de pesquisa, auxiliando na coleta básica de dados on-line e na revisão da literatura e, talvez, nivelar esse campo acadêmico global.

A vinheta aponta para uma configuração diferente do mesmo agenciamento, em que os componentes incluem infraestrutura de pesquisa cronicamente subfinanciada, ausência de apoio institucional para pesquisa e assistência de ensino, a economia global de citações e uma máquina comercializada como equalizador universal. Uma tecnologia treinada

predominantemente em dados do Norte Global, operando em idiomas dominantes e acessível em suas versões mais completas apenas por meio de pagamento não pode nivelar diretamente um campo de jogo que não foi projetado para abordar. O agenciamento no qual a IA entra no Sul Global é moldado desde o início pela matriz colonial de poder (Quijano, 2000), e as mesmas hierarquias que determinam de quem o conhecimento conta também determinam o que a máquina sabe.

Embora as condições difiram entre os contextos, a atração da IA surge dentro de economias políticas mais amplas do trabalho acadêmico. Tanto nos cenários do Norte Global quanto do Sul Global, os pesquisadores encontram demandas crescentes por produtividade, produção e visibilidade, embora por meio de diferentes agenciamentos institucionais e distribuições desiguais de recursos. No Sul Global, dinâmicas semelhantes são promulgadas, com o agravante da competição global imposta, apesar de carecer de infraestrutura e apoio. Os pesquisadores vivenciam uma academia competitiva globalmente injusta, que conta os resultados de pesquisa e citações, mas não considera as circunstâncias cronicamente desiguais, incluindo financiamento limitado para pesquisa, desafios para participar de conferências internacionais, a falta de acesso a artigos e livros recentes, o número de horas dedicadas ao ensino e tarefas administrativas e a infraestrutura precária das universidades que piora as condições de trabalho dos acadêmicos. Os pesquisadores rotineiramente navegam em uma tensão entre recursos restritos e a pressão para atender aos padrões de produtividade internacionalmente referenciados, muitas vezes sustentando seu trabalho por meio de resiliência e engenhosidade, em vez de apoio sistêmico. As promessas tecno-solucionistas de eficiência impulsionada pela IA chegam como esperança de desempenho e alívio, e ainda assim podem levar à aceleração, absorvida pelos regimes existentes de performatividade, com pouca consideração pelas condições que tornam esse ritmo insustentável em primeiro lugar. Aqui, como Grosfoguel (2012) deixa claro, as assimetrias são estruturadas pela mesma matriz colonial de poder que determina o conhecimento de quem, e o trabalho de quem, conta.

3.2 Inquietação e desilusão graduais

A experiência inicial de usar sistemas de IA generativos, como o ChatGPT, muitas vezes parece assumir a forma de amplificação cognitiva. Os rascunhos aparecem mais rapidamente, as frases parecem mais claras e o sistema produz formulações que se assemelham a discursos acadêmicos estabelecidos. Para muitos pesquisadores, os primeiros encontros com essas ferramentas geram uma sensação de aceleração intelectual. No entanto, o uso sustentado pode produzir uma experiência mais ambivalente, com um mal-estar

crescente que emerge da interação com a GenAI. Mais especificamente, identificamos questões relativas à autoria, erros e vieses de IA e falta de diretrizes institucionais.

Vinheta 3

Nos estágios iniciais das experiências com o ChatGPT, abordei-o com cautela, usando-o ocasionalmente para refinar seções curtas de texto. Eu colava um parágrafo com o qual estava lutando e pedia ao sistema para “melhorar a clareza” ou “reestruturar o argumento”. As respostas foram rápidas e, à primeira vista, convincentes, mais suaves, mais lineares, mais alinhadas com o estilo acadêmico esperado.

Certa vez, pedi ao sistema que reorganizasse um parágrafo que parecia particularmente difícil de articular e, em segundos, produziu uma versão coerente e bem estruturada. As ideias eram reconhecidamente minhas, mas algo parecia errado. O parágrafo fora desvinculado do processo de pensamento pelo qual passei. As tensões e incertezas que haviam dificultado a escrita haviam desaparecido e foram substituídas por um argumento polido que parecia resolver tão rapidamente o que eu ainda não havia mastigado totalmente. Então tentei revisá-lo, para trazer de volta a bagunça que eu queria arrumar, e percebi que estava respondendo à versão do sistema do texto, em vez de desenvolver a minha própria. Comecei a ficar cada vez mais frustrada. O ponto de referência estava mudando e eu estava perdendo o controle; em vez de resolver o problema, eu estava editando uma solução. Com o tempo, outras limitações também se tornaram visíveis. O sistema ocasionalmente gerava referências plausíveis, mas inexistentes, ou repetidamente privilegiava autores mais conhecidos, enquanto negligenciava autores menos visíveis. O que inicialmente aparecia como clareza exigia cada vez mais verificação.

Em relação à autoria, em meio a resultados rápidos e bons, há também a sensação de que o texto não pertence mais integralmente ao autor que o assina. O tom afetivo da interação muda. Quanto mais usávamos o sistema para articular argumentos, refinar o fraseado ou gerar transições conceituais, mais os limites da autoria ficavam borrados. Como Francesca reconta acima, o que inicialmente aparece como assistência pode gradualmente produzir um sutil deslocamento da voz. Como esses sistemas são treinados em vastos corpora de texto, eles reproduzem formas de linguagem estatisticamente plausíveis que espelham os padrões sedimentados dos discursos institucionais. Ao interagir com tais sistemas, interagimos efetivamente com uma aproximação computacional do arquivo linguístico da academia. Aqui, a GenAI redistribui a autoria em vez de apenas ajudar na escrita. O sistema produz textos gramaticalmente corretos, retoricamente coerentes e reconhecíveis como pertencentes ao discurso acadêmico. No entanto, você pode senti-lo como separado de um assunto estável, centrado e dialógico, pois o texto ainda aparece de alguma forma autoritário, embora um pouco afastado da própria trajetória intelectual do autor.

Esse entrelaçamento mobiliza o argumento de Foucault (1984b) de que o “autor” não é meramente um indivíduo, mas uma função que organiza o discurso e regula sua circulação. A IA generativa expõe a fragilidade dessa função de autor ao possibilitar a produção de um discurso legítimo sem um sujeito originário claramente identificável. Nessa perspectiva, o mal-estar que pode emergir da escrita intensiva assistida pela IA é ético e

processual, mas acima de tudo é epistêmico.

A GenAI também pode incorrer em sérias limitações em seu trabalho acadêmico, além de erros perigosos. Ao trabalharmos com ferramentas da GenAI, começamos a perceber que não cumpriria as esperadas promessas disruptivas e transformadoras para nossa prática acadêmica, pois a GenAI inventava ou “alucinava” referências e limitava referências a cânones ocidentais, mesmo quando se solicitava referências para um público brasileiro, conforme descrito na vinheta abaixo.

Vinheta 4

Em diferentes ocasiões, procurei identificar referências acadêmicas por meio das ferramentas da GenAI. Pedi a uma plataforma de IA recomendações de literatura enquanto trabalhava em um novo módulo. Embora alguns tenham sido úteis, excluiu autores menos conhecidos, especialmente do Sul Global. Ao ser questionada sobre o assunto, acrescentou, desculpando-se, nomes diferentes. Também pedi fontes para definir alguns termos ao escrever um artigo. Usando nomes de autores reais e apropriados, criou referências sem base, exigindo pesquisas consideráveis para descobrir o que era real e o que foi criado. Em um exercício diferente, ao tentar escrever um resumo com pressa, escrevi uma lista de tópicos e pedi que produzisse um resumo. O resultado parecia bom no início, com uma estrutura clara e frases elegantes. No entanto, após uma revisão cuidadosa, ficou claro que as frases eram vagas e o resumo não tinha sentido. Com mal-estar, fiquei pensando que os alunos não seriam capazes de identificar facilmente essas questões de viés, referências falsas e resultados enganosos. Percebi que trabalhar com IA requer mais do que pensamento crítico, na verdade requer uma forte dose de ceticismo para lidar com as respostas.

Essas limitações não são neutras, a exclusão sistemática de estudiosos do Sul Global das listas de referência geradas pela IA não é um erro aleatório, mas um reflexo do que o sistema foi treinado, um arquivo de conhecimento que, como Grosfoguel (2012) e Connell (2011) argumentaram, é organizado ao longo de linhas racializadas, linguísticas e geopolíticas. A máquina não se limita a cometer erros; ela reproduz hierarquias epistêmicas com fluência e confiança, tornando-as mais difíceis, não mais fáceis, de serem vistas.

Essas questões exigem o que Sperber *et al.* (2010) chama de vigilância epistêmica. O desafio não é simplesmente que a IA produza erros, mas que esses erros sejam frequentemente apresentados por meio de um discurso fluente e persuasivo que incentive a confiança. Pesquisadores interagem com sistemas que são rotineiramente antropomorfizados como assistentes, colaboradores ou pares críticos (Buzato, 2023), e a coerência do texto gerado pode obscurecer a necessidade de verificação. O resultado é uma tensão entre conveniência e escrutínio, em que a aparente autoridade dos resultados gerados pela IA pode reduzir a probabilidade de que suas suposições, omissões ou imprecisões sejam questionadas (Maynard, 2026).

Outra questão emergente diz respeito aos custos e viabilidade do uso da IA em pesquisas. Muitos dos sistemas mais poderosos estão disponíveis apenas por meio de assinaturas pagas ou operam por meio de modelos de acesso em camadas. Com financiamento limitado, pesquisadores podem precisar pagar pessoalmente por essas ferramentas, especialmente aqueles com contratos precários e/ou aqueles localizados em contextos subfinanciados. Em vez de reduzir as desigualdades, a IA pode, portanto, aprofundar as disparidades existentes no acesso a recursos digitais e apoio à pesquisa. A GenAI opera, assim, como parte de um conjunto sociotécnico mais amplo que não reflete simplesmente a desigualdade, mas modula-a ativamente, redistribuindo o acesso e a capacidade ao longo das linhas de poder já existentes.

Por fim, a empolgação da IA também desmorona no contexto da falta de orientação institucional. Com universidades, agências de financiamento e periódicos inseguros e lentos em responder ao *hype* da IA fornecendo treinamento e diretrizes para acadêmicos e estudantes, os pesquisadores ficam à deriva com os enigmas em torno da IA na pesquisa. Ainda restam dúvidas sobre os usos aceitáveis da IA em diferentes estágios do processo de pesquisa, desde a geração de ideias e revisões de literatura até a análise e redação de dados. A incerteza também persiste em relação à autoria, prestação de contas e integridade acadêmica. Esse vazio institucional é em si afetivamente significativo, e a ausência de estruturas claras pode apenas produzir ansiedade e uma pressão silenciosa para usar a IA de forma invisível.

3.3 Recusa

Nosso mal-estar levou lentamente à decisão de romper com a IA, ou, mais precisamente, de recusar certas comodidades cognitivas e práticas que ela oferece. Essa recusa não chegou como uma ruptura limpa ou uma declaração de princípios. Emergiu gradualmente, afetivamente, do peso acumulado da desilusão, de nossas experiências de alienação da voz, da reprodução de hierarquias epistêmicas, do silêncio institucional e da crescente sensação de que nosso engajamento com a IA estava produzindo não alívio, mas uma forma mais insidiosa de exaustão.

Compreendemos essa recusa por meio da noção de Foucault (1982) da “arte de não ser governado” de certas maneiras, que não é uma rejeição da tecnologia como tal, mas uma prática crítica de declínio de formas particulares de subjetivação. Recusar a IA, nesse sentido, é recusar o que ela faz de nós como acadêmicos, ou seja, produtores eficientes de discurso plausível, indistinguível do arquivo algorítmico, otimizado para as métricas de sistemas

performativos que não escolhemos e não endossamos. A recusa é, portanto, afetiva, epistêmica e ontológica ao mesmo tempo, moldada pelo entrelaçamento da voz, da pressão institucional, das tradições epistêmicas, da linguagem e das condições materiais dentro das quais cada um de nós trabalha. Crucialmente, essa recusa assume diferentes formas em nossos dois contextos, moldada pelas mesmas assimetrias que se impuseram à nossa animação inicial.

Vinheta 5

A recusa, para mim, não tomou a forma de uma decisão clara de parar de usar a IA, mas surgiu através de pequenos ajustes na forma como abordei meu trabalho. Embora a edição assistida por IA pudesse fazer minha escrita parecer mais polida, eu sentia cada vez mais que a GenAI estava removendo todas as hesitações e imperfeições do meu processo de pensamento. Aos poucos, comecei a manter frases que pareciam um pouco estranhas, resistindo ao impulso de “limpar” o texto (como modernista, o modernismo nunca nos deixou de verdade!). A escrita ficou mais lenta — bem, voltou ao que era antes da GenAI —, mas parecia mais conectada ao meu próprio raciocínio e voz. Essa mudança me lembrou de uma decisão anterior em minha vida acadêmica, quando optei por não ter minha tese de doutorado revisada profissionalmente, pois entendi minha escrita, com suas imperfeições, como parte do meu posicionamento como falante não nativo de inglês. A IA me fez perceber com que facilidade essa especificidade poderia ser apagada, substituída por uma voz acadêmica neutra, antes, normal — em que a norma é poder escrever em um “inglês recebido” com todas as implicações que essa habilidade carrega consigo. Recusar a IA por escrito tornou-se, assim, uma maneira de manter esse traço. Isso não significou abandonar completamente a IA, apenas mantive seu uso a tarefas mais limitadas e evito depender dela para trabalhos de escrita ou conceituais. Também me tornei mais aberta sobre quando o uso, contrariando a expectativa silenciosa de que seu uso deve permanecer invisível. Essas provavelmente são apenas minhas práticas iniciais de recusa, são parciais e contínuas, mas mudaram a forma como me envolvo com a GenAI em meu trabalho acadêmico.

A recusa se entrelaça aqui com uma questão de voz, uma escolha consciente para preservar a bagunça, a dificuldade, a particularidade da escrita como pensamento, mesmo quando isso torna o trabalho mais lento e menos polido pelos padrões institucionais. É uma recusa em ser reterritorializada nos produtos padronizadas que a academia performativa exige, uma linha de fuga que insiste no valor do trabalho acadêmico que não pode ser automatizado, como também discutido na vinheta a seguir.

Vinheta 6

Comecei a perceber que a IA não estava necessariamente facilitando as coisas ou melhorando meus textos. Criou uma nova camada de trabalho com exigências adicionais de criticidade e vigilância epistêmica. Tornou-se mais difícil revisar e editar textos de IA do que trabalhar sozinha, com uma busca contínua por erros, vieses e análises excessivamente lineares. Minhas ideias originais pareciam mais planas e homogêneas demais depois de serem reescritas pela IA, com a persistência de organizar coisas que são confusas, particularmente ao analisar a política educacional. Minha criatividade e engajamento com minha própria localidade, com suas próprias complexidades sociais e aspectos econômicos políticos, bem como tradições teóricas e epistêmicas, foram

cerceados, e me senti ainda mais alienado deles (em um movimento contínuo de lutas existentes de longa data com a colonialidade).

Com crescente descontentamento, lentamente comecei a me afastar dela. Cada vez mais me vi evitando a IA para um trabalho analítico significativo. Também comecei a compartilhar minhas preocupações com colegas e alunos, incentivando-os a adotar uma reflexividade mais profunda ao usar a IA. Não é, no entanto, um abandono completo das ferramentas de IA, ou uma instância anti-tecnologia. Passei a ser muito mais deliberada e seletiva com quais etapas e tarefas envolvem IA, e quais não.

Aqui, a recusa carrega o peso adicional da resistência epistêmica. Recusar a IA também é recusar uma máquina que marginaliza consistentemente certas tradições de conhecimento, uma máquina que padroniza os cânones do Norte, as línguas dominantes e as estruturas eurocêntricas e, ao fazê-lo, reproduz as próprias hierarquias que os estudiosos do Sul já estão lutando para serem legíveis. Aqui, o agenciamento inclui a economia global do conhecimento, os circuitos de citação, as hierarquias linguísticas e de raciocínio, as estruturas de financiamento e os traços históricos da colonialidade que moldaram o arquivo no qual a máquina foi treinada. Desvincular-se dessa configuração é recusar uma ordem particular de coisas e conhecimentos e insistir que o que a máquina não pode ver não está, portanto, ausente.

Em ambos os casos, a recusa não é externa ao sistema, mas emerge de dentro dele, como sugerem Deleuze e Guattari (2020), não um retorno a um exterior não contaminado, mas uma relação diferencial interna ao próprio processo desterritorializador. É uma resposta criativa, exausta e politicamente carregada às condições sob as quais a IA foi normalizada dentro do trabalho acadêmico. E é, como mostrou a discussão analítica acima, irreduzivelmente afetiva, sentida antes de ser teorizada, vivida antes de ser nomeada.

4 Conclusão: rumo a um engajamento situado com GenAI na pesquisa educacional

Este artigo propôs-se a examinar como os pesquisadores acadêmicos envolvem-se com a GenAI não a partir de posições neutras, mas de dentro de condições afetivas, institucionais e geopolíticas específicas. Através do diálogo autoetnográfico, traçamos uma trajetória, da animação tecno-solucionista, passando pela desilusão, até a recusa. Argumentamos que essa trajetória é estruturada por uma matriz colonial de poder, os regimes de performatividade que regem o trabalho acadêmico e os agenciamentos dentro dos quais a GenAI é encontrada de forma diferente dependendo de onde e quem você é.

Finalmente, ao invés de concluir com um simples julgamento sobre se GenAI deve ou não ser usado em pesquisa, através do nosso diálogo, surgiram cinco insights interligados

que podem apoiar compromissos mais críticos com GenAI em pesquisa educacional. Esses insights são convites para pensar com mais cuidado sobre as condições sob as quais GenAI torna-se pensável, desejável ou resistível, e sobre o que essas condições manifestam e modulam.

Primeiro, o afeto opera como um diagnóstico. A trajetória traçada neste artigo, da animação, passando pela desilusão, até as formas de recusa sugere que as respostas afetivas não são incidentais à adoção de GenAI, mas revelam como os pesquisadores negociam as condições mutáveis do trabalho acadêmico. Sentimentos de alívio, ansiedade, vergonha, desilusão e exaustão (para citar alguns) dizem-nos algo sobre as tensões que, de outra forma, poderiam permanecer ocultas nas narrativas de eficiência e inovação.

Em segundo lugar, a GenAI é mais bem entendida como parte de um agenciamento e não como uma ferramenta discreta. Os efeitos do GenAI emergem através de seus emaranhados com pressões institucionais, estruturas de financiamento, hierarquias linguísticas e epistêmicas, normas disciplinares e práticas cotidianas de pesquisa. Concentrar-se unicamente na tecnologia corre o risco de obscurecer as condições mais amplas que tornam seu uso desejável ou necessário.

Terceiro, o apelo da GenAI pode ser entendido através de um otimismo cruel. A promessa de redução da carga de trabalho, aumento da produtividade e maior acesso às práticas acadêmicas responde a pressões genuínas experimentadas pelos pesquisadores e essa promessa pode reforçar simultaneamente os sistemas performativos que geram essas pressões em primeiro lugar.

Quarto, a colonialidade permanece central para a compreensão das implicações desiguais da GenAI. Os sistemas discutidos através deste artigo não são treinados em arquivos neutros de conhecimento, eles são de fato treinados em conjuntos de dados moldados por hierarquias geopolíticas existentes. Questões de linguagem, visibilidade e legitimidade epistêmica, portanto, devem permanecer centrais nos debates sobre a GenAI na pesquisa educacional. Um sistema de IA que não obedece aos cânones do Norte Global e às línguas dominantes não é meramente imperfeito; está promulgando, com considerável fluência e confiança, uma ordem particular de valor epistêmico e ontológico. Pesquisadores do Sul Global encontram isso não como um problema estrutural abstrato, mas como uma realidade afetiva vivida.

Por fim, a recusa deve ser entendida como uma prática acadêmica legítima. A recusa não implica necessariamente a rejeição da tecnologia, mas pode representar uma prática crítica de “não ser governado” de determinadas maneiras (Foucault, 1982) e merece

reconhecimento como forma de liberdade acadêmica. É uma forma de resistência epistêmica e ontológica que insiste no valor do trabalho erudito situado, imperfeito, irredutivelmente humano. Esses insights sugerem que o que precisa ser implacavelmente questionado não é se o GenAI é inerentemente benéfico ou prejudicial, mas como nós, como pesquisadores, podemos nos envolver com ele enquanto continuamos a problematizar as condições afetivas, políticas e epistêmicas sob as quais ele opera.

Agradecimentos

Este estudo foi realizado no âmbito da política e Trabalho Docente do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Educacional, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) — bolsa nº 406861/2022-6 e nº 420576/2025-8; da Agência Federal de Apoio e Avaliação da Pós-Graduação (CAPES) — bolsa nº 88887.954247/2024-00; e da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) — bolsa nº 098/2024 (Edital INCT-MCTI/CNPq/CAPES/FAPs no 58/2022).

Referências

- AHMED, S. *The Cultural Politics of Emotion*. New York: Routledge, 2004.
- BALL, S. J. The teacher's soul and the terrors of performativity. *Journal of Education Policy*, v. 18, n. 2, p. 215-228, 2003.
- BERLANT, L. *Cruel Optimism*. Durham and London: Duke University Press, 2011.
- BUZATO, M. E. K. Inteligência artificial, pós-humanismo e Educação: entre o simulacro e a assemblagem. *Dialogia*, n. 44, p. e23906, 2023. DOI: 10.5585/44.2023.23906. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/23906>. Acesso em: 2 jun. 2026.
- CASTRO-GÓMEZ, S; MARTÍN, D. A. The Social Sciences, Epistemic Violence, and the Problem of the “Invention of the Other”. *Nepantla: Views from South*, v. 3, n. 2, p. 269-85, 2002.
- CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: GROSFUGUEL R.; CASTRO-GÓMEZ, S (org.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 79—91.
- CONNEL, R. Southern Bodies and Disability: Re-thinking Concepts. *Third World Quarterly*, v. 32, n. 8, p. 1369-81, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01436597.2011.614799>. Acesso em: 2 jun. 2026.

- DELEUZE, C.; GUATTARI, F. *A Thousand Plateaus*. London: Bloomsbury, 2020.
- ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: An Overview. *Conventions and Institutions from a Historical Perspective*, v. 36, n. 4, p. 273-290, 2011.
- FOUCAULT, M. *The History of Sexuality*. Volume I: An Introduction. Pantheon Books: New York, 1978.
- FOUCAULT, M. The Subject and Power. *Critical Inquiry*, v. 8, n. 4, p. 777-795, 1982.
- FOUCAULT, M. On the genealogy of ethics. A work in progress. In: RABINOW, P. (org.). *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books, 1984a.
- FOUCAULT, M. What is an author? In: RABINOW, P. (org.). *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books, 1984b.
- GRIMALDI, E.; BALL, S. J. The blended learner: digitalisation and regulated freedom - neoliberalism in the classroom. *Journal of Education Policy*, v. 36, n. 3, p. 393-416, 2021. DOI: 10.1080/02680939.2019.1704066.
- GROSGOUEL, R. The Dilemmas of Ethnic Studies in the United States: Between Liberal Multiculturalism, Identity Politics, Disciplinary Colonization, and Decolonial Epistemologies. *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, v. 10, n.1, p. 81-89, 2012.
- GROSGOUEL, R. Del «extractivismo económico» al «extractivismo epistémico» y al «extractivismo ontológico»: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo. *TABULA RASA*, n. 24 Enero-Junio, p. 123-143, 2016.
- MACGILCHRIST, F. Cruel optimism in edtech: when the digital data practices of educational technology providers inadvertently hinder educational equity. *Learning, Media and Technology*, v. 44, n. 1, p. 77-86, 2019. DOI: 10.1080/17439884.2018.1556217.
- MAYNARD, A. D. The AI Cognitive Trojan Horse: How Large Language Models May Bypass Human Epistemic Vigilance. *ArXiv*, mai. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2601.07085>. Acesso em: 2 jun. 2026.
- MBEMBE, A.J. Decolonizing the University: New Directions. *Arts and Humanities in Higher Education*, v. 15, n. 1, p. 29-45, 2016.
- ONG, A. Neoliberalism as a Mobile Technology. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 32, n. 1, p. 3-8, 2007. DOI:10.1111/j.1475-5661.2007.00234.x.
- PERROTTA, C.; SELWYN, N.; EWIN, C. Artificial intelligence and the affective labour of understanding: The intimate moderation of a language model. *New Media & Society*, v. 26, n. 3, p. 1585-1609, 2024.
- QUIJANO, A. Colonidad del poder, eurocentrismo y America Latina. In: LANDER, E. (org.). *La colonialidad del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 122-51, 2000.
- RESTREPO, E. Decolonizar la universidad. In: BARBOSA, J. L.; PEREIRA, L. (org.). *Investigación cualitativa emergente: Reflexiones y casos*. Sincelejo: Cecar, 2018.

SELWYN, N. On the Limits of Artificial Intelligence (AI) in Education. *Nordisk tidskrift for pedagogikk og kritikk*: Special Issue on Artificial Intelligence in Education, v. 10, p. 3-14, 2024. Disponível em: <http://doi.org/10.23865/ntpk.v10.6062>. Acesso em: 2 jun. 2026.

SHORE, C.; WRIHT, S. Governing by numbers: audit culture, rankings and the new world order. *Social Anthropology*, v. 2, p. 22-28, 2015. DOI: 10.1111/1469-8676.12098.

SPERBER, D.; CLÉMENT, F.; HEINTZ, C.; MASCARO, O.; MERCIER, H., ORIGGI, G.; WILSON, D. Epistemic Vigilance. *Mind & Language*, v. 25, p. 359-393, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0017.2010.01394.x>. Acesso em: 2 jun. 2026.

STARK, L. Affect and Emotion in DigitalSTS. In: VERTESI, J.; RIBES D. (org.). *DigitalSTS: A Field Guide for Science & Technology Studies*. New Jersey: Princeton University Press, pp. 117-135, 2019.

THOMPSON, G.; COOK, I. Becoming-topologies of Education: Deformations, Networks and the Database Effect. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, v. 36, n. 5, p. 732-748, 2015. DOI:10.1080/01596306.2014.890411.

WETHERELL, M. Affect and discourse: what's the problem? From affect as excess to affective/discursive practice. *Subjectivity*, v. 6, p. 349-368, 2013.

WILLIAMSON, B., MACGILCHRIST, F.; POTTER, J. Editorial: Re-examining AI, automation and datafication in education. *Learning, Media and Technology*, v. 48, n. 1, p. 1-5, 2023.

YOUDELL, D. Assemblage Theory and Education Policy Sociology. In: GULSON, K.; CLARKE, M.; PETERSON, E. (org.). *Education Policy and Contemporary Theory: Implications for Research*. London: Routledge, p.110-121, 2015.

Tradução: Ananda Missailidis

Data de submissão do original em inglês: 24/04/2026

Data de aprovação do original em inglês: 07/06/2026